

Desfilio-me aqui do Partido Comunista do Brasil. E exponho as minhas razões.

Entrei no PCdoB em maio de 1973, na hora mais tenebrosa da ditadura militar. Militei nele por 52 anos, mais cinco anos na AP: é quase que uma vida inteira. Fiz o que pude. Suei a camisa. Há, portanto, um grão amargo no meu gesto de hoje. Mas ele é bem refletido, é sólido.

O PCdoB perdeu a razão de existir.

Iniciei-me nesta convicção há quatro anos, numa carta aos membros do Comitê Central do Partido, que eu integrava na época. Ali, afirmei:

“A problemática é que nosso glorioso, esplêndido, fantástico Partido Comunista do Brasil, no pórtico da festa do seu centenário, caminha para o cadafalso. E que a cláusula de barreira é apenas é apenas o invólucro formal da sentença de morte que se avizinha – ditada pela concretude histórica, no Brasil e no mundo, deste início de milênio impregnado pelo ‘drama de treva e luz’ de que nos falam Castro Alves e João Amazonas.”

Não fui respondido, nem com uma contestação; talvez nem sequer fui lido. Recebi, é fato, um telefonema até sensibilizado de Luciana Santos, porém não mais que isto.

Paciência. Agora, que me desfilio, faço nova tentativa.

O PCdoB, queridas companheiras e companheiros, é, como todo partido político, um ser histórico: nasce, cresce, amadurece, envelhece, caduca. E morre.

O nosso Partido (permitam-me usar ainda a primeira pessoa do plural), fundado em 1922, cumpriu um papel progressista notável no século passado. Foi o primeiro a trazer para a agenda brasileira a reforma agrária, o combate antiimperialista, emancipação da classe trabalhadora, o feminismo e muitas outras causas nobres. Fez 1935, combateu o nazifascismo aqui e na Itália, pregou um susto na reação em 1945, resistiu sem temor à ditadura, fez o Araguaia, esteve na primeira fila da vitória final sobre a ditadura, ajudou a escrever a Constituição Cidadã e a eleger Lula. Por tudo isso, longe de me arrepender, orgulho-me imensamente de ter militado nele, de ter feito a minha parte.

Mas isso é o passado. Hoje, o PCdoB lambe as feridas de sua sexta derrota eleitoral consecutiva. Está como que confinado na Bahia e Maranhão, longe do Brasil das grandes cidades. Seus quadros, Flávio Dino, Manuela D’Ávila e tantos outros, se vão. A engenhosa fórmula da federação de partidos, livrou-o, é verdade, da gulhotina da cláusula de barreira, mas só para aprisioná-lo em uma nova e até mais perversa armadilha. Condena-o à sina de eterno coadjuvante, renitente, mas minguante.

Já faz um bom tempo que o PCdoB agoniza assim. Isso ainda pode durar ainda outros tantos anos, em um esforço heróico, auxiliado pela inércia, que é uma força conervadora de grande poder na política, porém não será revertido.

E não é só o PCdoB. Com algumas notáveis exceções, no mundo inteiro os partidos da Terceira Internacional penam, com variações formais, a mesma caducidade. Eles foram a inteligência, a coragem, a esperança e a beleza do século passado, almas grandes que valeram a pena. Mas onde estão hoje? Onde está o Partido Comunista Soviético de Lênin e Stálin? Onde foi parar o da Alemanha? Onde os sinuosos, da Itália, França, Espanha, ou os “duros e puros” de Portugal e da Grécia? Caducaram.

A mais notável exceção – secundada pelo destemido Vietnã, que marcou a minha geração – é a China. Tem razão nosso Elias Jabbour: a China é o socialismo do século 21. Graças a uma espécie de “NEP prolongada”, genial ideia de Deng Hsiaoping, ela promove desde 1978 a maior e mais prolongada gesta de progresso e bem-estar de massa que a humanidade já conheceu. A experiência socialista chinesa já é mais longa que a soviética; e, se esta última pereceu após longo e inglório crepúsculo, a primeira esbanja vitalidade. O mundo do capital, tendo à frente os EUA, não pode com a China.

Assim, meu diagnóstico severo – sobre o futuro do PCdoB e seus irmãos da Terceira Internacional – reconfigura mas até revigora minhas convicções. Continuo comunista. Continuo um discípulo do marxismo, confiante em que ele traz no seu DNA o dom de se reinventar para melhor iluminar nossa luta. E continuo otimista, pedindo licença a Antonio Gramsci e acreditando tê-lo entendido bem. O socialismo, ao fim e ao cabo, vencerá. Contem comigo em nossas próximas lutas, na medida em que um velho possa ajudar. Porém não mais como membro do Partido Comunista do Brasil.

Neste texto de desfiliação, apelo outra vez aos meus queridos camaradas de uma vida inteira. A inércia, repito, é um componente possante, embora conservador, da política. Os estertores do PCdoB podem se estender por N anos, e vocês, por amor à bandeira, e por inércia, embora sejam pensadores argutos podem não percebê-los. Mas eles prosseguirão, implacáveis e cada vez mais melancólicos.

Eis portanto o meu apelo: quebrem a inércia; submetam o problema (que problema!) ao crivo de uma análise minuciosa, inventiva, e achem a alternativa, não para o PCdoB, mas para a nobre causa que ele encarna.

Ao contrário da carta de 2020, desta vez não me aventurarei pela “solucionática”. Não a tenho na ponta da língua, longe disto. Mas estou convicto de que ela será cem vezes menos dolorosa que o beco sem saída atual.

Eu gostaria muito que os quadros e militantes do PCdoB tivessem acesso a este texto. Também estou disponível para debatê-lo com vocês. Porém temo que a maldita inércia mais uma vez trabalhe contra mim. Se assim for, mais uma vez, paciência.

Francamente,
Fraternalmente,
O amigo de sempre,
Bernardo Joffily
Florianópolis, 9 de dezembro de 2024